



## ALFABETIZAR LETRANDO: O QUE DIZEM AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS SOBRE SUAS PRÁTICAS

*Iure Coutre Gurgel<sup>1</sup>*

*Adriana Fernandes Ferreira<sup>2</sup>*

*Marcos Roberto da Silva Cavalcante<sup>3</sup>*

*Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e ensinar*

### Resumo:

Este artigo reflete sobre a importância do trabalho com a alfabetização na perspectiva do letramento em uma escola pública paraibana com professoras alfabetizadoras dos 2º e 3º Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Como objetivo buscou-se analisar as práticas pedagógicas de quatro professoras alfabetizadoras com foco no processo de alfabetização dos educandos com vistas a perspectiva letramento. O aporte teórico que sustenta o estudo fundamentou-se nos contributos de FERREIRO, (1999); MORAIS, (2012, 2019); SOARES, (2017; 2018); SMOLKA, (2012) e MORTATTI, (2020). O desenho metodológico que caracteriza a pesquisa consolidou-se a partir de uma pesquisa qualitativa (GAMBOA, 2012), tendo a revisão de literatura e a pesquisa empírica como coadjuvantes do estudo. Para as análises dos dados foram valorizadas as narrativas docentes acerca do trabalho com a alfabetização na ótica do letramento em sala de aula. Os resultados da pesquisa evidenciam que o processo de alfabetizar e letrar tem se constituído um desafio para o professor alfabetizador, exigindo do mesmo um planejamento voltado a atender as necessidades dos educandos e uma prática pedagógica alicerçada a partir das experiências diárias com a leitura e a escrita em sala de aula.

**Palavras-chaves:** Alfabetização; Letramento; Prática pedagógica.

### Introdução

A consolidação das aprendizagens relativas ao Sistema de Escrita Alfabética (SEA) foi, ao longo dos anos, objeto de estudos e investigações de muitos

<sup>1</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Professor da rede básica de ensino do RN. Contato: [yurecoutre@yahoo.com.br](mailto:yurecoutre@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências da Educação pela World University Ecumenical. Professora da Educação Básica do Município de Brejo do Cruz, Supervisora Educacional em São Bento, Estado da Paraíba. Contato: [ffadri@yahoo.com.br](mailto:ffadri@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Doutorando em Ciências da Educação pela World University Ecumenical. Professor de Ciências dos Anos Finais do Ensino Fundamental dos Municípios de Patos-PB e Vista Serrana-PB. Contato: [marcos04marcos@hotmail.com](mailto:marcos04marcos@hotmail.com)

pesquisadores (FERREIRO, 1999; MORAIS, 2012, 2019; SOARES, 2017; 2018; SMOLKA, 2012; MORTATTI, 2020) que objetivavam compreender e explicar a forma como tais aprendizagens são consolidadas no contexto da alfabetização.

Muitas foram as contribuições da Psicogênese da Língua escrita (FERREIRO, 1999) como caminho que ampliou-se as concepções docentes sobre o processo de alfabetização da criança na escola, sobretudo, a partir das caracterizações dos níveis de escrita que esses alunos encontravam-se a partir da avaliação diagnóstica realizada pelo professor, para que, a partir desse diagnóstico o professor pudesse planejar as práticas didáticas envolvendo o trabalho com a alfabetização em sala de aula e, assim, favorecesse o desenvolvimento cognitivo dos educandos.

A partir desses estudos, Artur Gomes de Moraes em seu livro Sistema de Escrita Alfabética (2012), apontou algumas lacunas em relação a compreensão da Teoria da Psicogênese (FERREIRO, 1999). O referido pesquisador pernambucano, evidenciou a partir de seus estudos que houve uma confusão entre uma teoria psicolinguística sobre a forma de aprendizado de uma escrita alfabética, com uma metodologia de ensino. Como resultados a essas lacunas, nos anos 1980 e 1990, foi perceptível que “nos cursos de Pedagogia bem como nos momentos de formação continuada de professores em suas redes de ensino, tendo o foco de estudo a temática da Alfabetização, houve uma maciça divulgação dos quatro estágios da psicogênese, sem que disso se derivasse uma didática da alfabetização” (MORAIS, 2012, p.77).

De forma geral, pensar na possibilidade de construir uma didática da alfabetização para o trabalho nas escolas brasileiras, implica antes de mais nada, colocar o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, no sentido do professor estudar e buscar respostas para as muitas inquietações. Desse modo, faz-se necessário um trabalho minucioso para compreender individualmente a prática pedagógica que será abordada para cada aluno, assim contribuindo para o êxito nesse processo alfabetizador.

Diante das dificuldades de alfabetização, um fator que permanece em evidência é a importância da prática pedagógica do professor no ambiente escolar. Quando nos deparamos com experiências exitosas, por isso a relevância de formação continuada para divulgar essas práticas, o trabalho docente fica

impulsionado para desenvolver outros instrumentos que contribuirão para o sucesso do ato de alfabetizar.

Conforme Mortatti (2019), é necessário conhecer o passado da alfabetização e seu legado, trata-se inegavelmente das mudanças necessárias para uma intervenção mais responsável. A autora deixa claro e, seria um erro, não possibilitar escolhas mais conscientes nas ações dos profissionais alfabetizadores. Sob essa ótica, ganha particular relevância refletir sobre a prática pedagógica adotada, traçando os insucessos e os avanços para fomentar um novo início, com novas perspectivas e possibilidades.

Diante dessas inquietudes, como objetivo geral, buscou-se analisar as práticas pedagógicas de quatro professoras alfabetizadoras dos 2º e 3º anos dos Anos Iniciais da Escola Municipal Professor Manoel Torres (Município de Brejo do Cruz - PB) com foco no processo de alfabetização dos educandos com vistas à perspectiva letramento. Um dos passos realizado para alcançar o objetivo geral da pesquisa foi caracterizar as práticas pedagógicas de alfabetização docente. Depois, procurou-se identificar a concepção de alfabetização e letramento na perspectiva docente. O terceiro dos objetivos específicos da pesquisa foi conhecer os desafios encontrados pelos profissionais alfabetizadores no processo de alfabetização e letramento.

O fundamento da pesquisa é que os profissionais alfabetizadores possam se deparar com experiências bem-sucedidas. Destaca-se assim a importância de conhecer outras práticas pedagógicas para que os docentes alfabetizadores desenvolvam técnicas didáticas eficazes. Assim, justifica-se as reflexões de suas ações possibilitando mudanças atitudinais e ampliação de suas abordagens com crianças analfabetas, promovendo uma nova forma de atuar com elas.

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram realizadas uma revisão de literatura acerca da temática em tela e a realização de uma pesquisa de campo. A revisão de literatura baseou-se em publicações científicas da área de alfabetização e letramento. A pesquisa de campo, em sua totalidade, envolveu o perfil das professoras do ciclo de alfabetização dos 2º e 3º anos dos Anos Iniciais da Escola Municipal Professor Manoel Torres (Município de Brejo do Cruz - PB), descrições de suas práticas pedagógicas, suas visões em relação a esse processo e suas ponderações quanto aos desafios vivenciados.

## **2 A Escola e o Trabalho com a Alfabetização: ampliando os olhares**

Refletir sobre o papel da escola contemporânea frente ao trabalho com alfabetização nos dias atuais, exige de nós, o reconhecimento de que pensar o processo de aprendizagem da língua escrita em múltiplos contextos implica também pensarmos sobre quem é o sujeito que ensina e o que aprende, quais as relações são construídas no contexto de sala de aula e de que forma esse processo de ensino e aprendizagem tem sido tecido. Em outras palavras, torna-se necessário valorizarmos tanto o aluno como o professor nessa relação, no sentido de que:

O professor é uma pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor. A forma com que cada um de nós constrói sua identidade profissional define modos distintos de ser professor, marcados pela definição de ideais educativos próprio, pela adoção de métodos e práticas que colam melhor com a nossa maneira de ser, pela escolha de estilos pessoais de reflexão sobre a ação (Nóvoa, 1992, p. 25).

A partir das explicitações apontadas pelo autor, é preciso reconhecermos que pensar o processo de ensino e aprendizagem na contemporaneidade é necessário valorizarmos os sujeitos envolvidos nessa relação dialética, no sentido de que tanto aluno como professor são sujeitos que estabelecem relações sociais e que, convivem em múltiplos contextos em que as práticas sociais de leitura e escrita se fazem presentes.

Nessa direção, valorizar o sujeito professor e sua história de vida e profissional é um dos caminhos para se construir uma educação de qualidade e corroborar para a melhoria do desenvolvimento profissional docente, ou seja, favorecer ao docente o direito de refletir sobre suas ações pedagógicas e assim, buscar melhorá-las e redimensioná-las, com o propósito de fazer com que o aluno aprenda.

Sobre a ideia da valorização das histórias pessoais e profissionais do educador, Goodson (2000) em suas pesquisas alerta que considerar as histórias de vida dos professores não se trata apenas de fazer aflorar as reminiscências pessoais de cada um, por elas mesmas, mas considerá-las para que isto contribua para que se tornem investigadores críticos das suas práticas pedagógicas,

conscientes quanto à sua própria investigação-ação, num processo crítico de autorreflexão.

Muitos foram os desafios e as intensas pesquisas voltadas a área da alfabetização, as últimas duas décadas do século XX, configurando-se como nucleares no sentido de explicitar as evidências que sustentam originariamente os desafios entre a escola e o processo de alfabetização dos educandos, sendo essa relação questionadas, em decorrência das dificuldades de se concretizarem as promessas e os efeitos pretendidos com a ação da escola sobre o cidadão (MORTATTI, 2019).

É oportuno apontarmos também que vivenciamos um período na história da educação brasileira, nos últimos quatro anos, decorrente de um governo cujo foco foi contribuir para o desmonte e a desvalorização da educação pública, em que teve como ápice, no tocante ao processo de alfabetização, o retorno ao retrocesso das noções mecanicistas da alfabetização, valorizando o ensino cartilhado e “isolado”, fragmentado da cultura social do educando, conforme pode ser identificado, por exemplo, na Política Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019) e na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Frente a esses desafios e inquietações destacamos os desafios que o professor tem enfrentado no sentido de trabalhar o processo de alfabetização, com o propósito de contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem do educando no sistema de escrita, tendo em vista uma série de fatores, dentre eles, a ausência do acompanhamento familiar, a falta de uma formação específica para o professor, o desinteresse do aluno em realizar as atividades propostas, acarretando assim, para a realização por parte do professor de algumas tentativas que muitas vezes, são vistas sem solução e que vêm focalizando ora os métodos de ensino da leitura e escrita, ora a formação do professor, ora os processos cognitivos dos alunos, ora a estrutura e funcionamento do sistema de ensino (MORTATTI, 2004).

Pensar sobre o processo de aprendizagem do educando na escola contemporânea, implica-nos reconhecer sobre o que postula Rojo (2009) quando aponta em seus estudos que “um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática” (p. 107).

Assim, torna-se necessário reconhecermos a importância da indissociabilidade da alfabetização na perspectiva do letramento como ações imbricadas e que precisam ser desenvolvidas de forma coletiva nas práticas escolares. Segundo Rojo (2009), a compreensão acerca do significado do letramento varia através dos tempos e das culturas e dentro de uma mesma cultura. Por isso, “práticas tão diferentes, em contextos tão diferenciados, são vistas como letramento, embora diferentemente valorizadas e designando, a seus participantes, poderes também diversos” (p. 99).

Nessa perspectiva, o letramento caracteriza-se como as práticas sociais em que a criança participa a partir das experiências com a leitura e a escrita, ou seja, “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Refletir sobre a função da escola no tocante ao trabalho com alfabetização na perspectiva do letramento, configura-se como uma necessidade urgente, sobretudo em detrimento dos resultados de avaliações nacionais em que tem colocado alguns estados brasileiros em sinais de alerta e de preocupação, no sentido de se desenvolver ações voltadas a minimizar essa questão do fracasso escolar, no tocante ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse viés, é oportuno pontuarmos sobre a necessidade que a escola, mais precisamente o professor tem de organizar o seu planejamento com foco no educando, em suas necessidades e buscando assim, organizar as situações didáticas que possam favorecer a aquisição da leitura e escrita por parte do aluno. Conforme ressalta Rojo (2009),

a escola é a principal agência alfabetizadora e a alfabetização, enquanto processo de ensinar a ler e a escrever, é uma típica prática de letramento escolar, que apresenta as características sublinhadas por Lahire (1995): objetivar a linguagem em textos escritos, despertar a consciência para os fatos da linguagem, analisar a linguagem em sua composição por partes (frases, palavras, sílabas, letras) (p. 60).

Portanto, é preciso que a escola possa reorganizar o seu trabalho e desenvolver ações voltadas ao trabalho contextualizado envolvendo a leitura e a escrita, oportunizando aos alunos vivenciarem práticas eficazes de alfabetização na

perspectiva do letramento e assim, abandone o trabalho centrado em um processo de alfabetização numa perspectiva simplesmente cartilhada e que não valoriza os conhecimentos e experiências dos alunos.

Em seu texto, Mortatti (2000) analisa a evolução da cartilha, mais especificamente nos últimos cem anos e como esta participou e participa na construção das representações, concepções e conceitos contidos no imaginário social do que seja alfabetizar, ler, escrever, textos, linguagem, etc., e de como seus conteúdos e métodos ainda estão presentes nas práticas de alfabetização.

Com arrimo a essas ponderações, comungamos com Albuquerque (2005) quando destaca sobre a necessidade que a escola tem de (re) pensar o seu trabalho com as práticas alfabetizadoras no sentido de contribuir com a perspectiva do letramento. A autora ainda destaca em suas reflexões que:

Alfabetizar na perspectiva do letramento traz implicações pedagógicas importantes. Por um lado, sabemos hoje que um sujeito que não domina a escrita alfabética pode envolver-se em práticas de leitura e de escrita através da mediação de uma pessoa alfabetizada e, nessas práticas desenvolve uma série de conhecimentos sobre os gêneros que circulam na sociedade. Por outro, o domínio do sistema alfabético não garante que sejamos capazes de ler e produzir todos os gêneros de textos [...] apenas o convívio intenso com textos que circulam na sociedade não garante que os educandos se apropriem da escrita alfabética, uma vez que essa aprendizagem não é espontânea e requer que o aluno reflita sobre as características do nosso sistema de escrita. (ALBUQUERQUE, 2005, p. 92).

Desse modo, a escola tem a responsabilidade de ampliar debates e fomentar métodos pedagógicos que amenizem as distorções no processo de alfabetização, incentivando, valorizando e capacitando o professor alfabetizador para que o papel mediador tenha êxito no desenvolvimento da aprendizagem e habilidades dos alunos.

### **3 Metodologia**

No presente texto, compreendemos a metodologia como o “caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2009, p. 14), com o objetivo de se conhecer, refletir, analisar e produzir novos conhecimentos

acerca do objeto pesquisado. Nesse caso, a metodologia configura-se como um caminho crucial ao pesquisador.

Para tanto, o caminho metodológico desenvolvido nesse estudo caracteriza-se pela abordagem qualitativa com o propósito de fornecer dados para a compreensão das relações entre os atores sociais e suas crenças, suas atitudes, seus valores e suas motivações em contextos sociais específicos (GAMBOA, 2012).

Sobre a pesquisa de abordagem qualitativa, o pesquisador norte americano STAKE (2011), destaca algumas características, dentre elas: a presente abordagem de pesquisa caracteriza-se por seu viés interpretativo, os sentidos e significados que as pessoas expõem possuem grande importância para a pesquisa; é experiencial, ou seja, direcionada ao campo; é situacional, considerando as atividades em contextos singulares, os quais são descritos com detalhes; personalístico, buscando compreender percepções individuais; o pesquisador possui opções estratégicas para alcançar determinadas finalidades; e, para que seja bem conduzido, precisa ser bem triangulado e bem informado.

Dando continuidade, fizemos uma revisão de literatura sobre a temática em tela, como possibilidade de ampliação e aprofundamento dos conhecimentos em relação a temática da alfabetização. Por conseguinte, foi realizada uma pesquisa de campo (SANTOS, 2002), uma vez que nos propomos a uma imersão no contexto de estudo e a firmar um contato direto com os participantes investigados, nos permitindo de mergulharmos em um contexto social e sobre ele, desenvolvermos reflexões e a criticidade sobre a importância do trabalho com a alfabetização na perspectiva do letramento em uma escola pública como garantia da construção de uma educação pública e de qualidade.

#### **4 Resultados e Discussão**

Os educadores pesquisados são todos do sexo feminino, com idade entre 30 e 50 anos, que conforme as orientações do código de ética, passarão a ser identificados como Professoras E1 e E2 para as de segundo ano e F1 e F2 para as de terceiro ano do ensino fundamental. Todos as docentes possuem graduação em pedagogia e pós-graduação (especialização), com experiência entre 5 e 20 anos de docência.



Analisando as respostas das perguntas, optamos por organizar as respostas em formato de quadros.

Quadro 1: Estratégias didático-pedagógicas para alfabetizar letrando

<b>Q1 – Quais as estratégias didático-pedagógicas são trabalhadas em sua sala de aula para alfabetizar na perspectiva do letramento?</b>	
E1	Inicialmente testes de leitura e escrita para identificar o nível de cada criança, em seguida utilizar as sequências didáticas explorando diversos gêneros textuais, jogos didáticos, utilização de material concreto, utilização de estratégias e metodologias que prendam a atenção e envolvam as crianças nas aulas.
E2	Leitura deleite, interpretação e discussão oral de textos de diversos gêneros textuais, atividades de produção individual e coletiva, etc.
F1	Foco na leitura e escrita utilizando diversos portadores de textos que contenham diferentes gêneros textuais para que a criança interaja com o mundo do letramento; desenvolvo atividades que desenvolvam a oralidade também.
F2	Faço um diagnóstico da turma para direcionar as melhores metodologias para alfabetizar; realizo atividades com foco no sistema alfabético e na leitura e escrita; trabalho com sequencias didáticas e gêneros textuais.

**Fonte:** Arquivo da pesquisa (2023)

Com relação à primeira pergunta, vemos que os professores buscam estratégias didático-pedagógicas para alfabetizar na perspectiva do letramento em suas aulas, dentre elas, priorizaram o trabalho com gêneros textuais e sequências didáticas, pois sabemos que o trabalho com o texto em sala de aula é de extrema relevância.

Nesse caminhar torna-se fundamental para o aluno trabalhar e conhecer os diferentes gêneros textuais com intuito de aprimorar sua competência comunicativa. Marcuschi (2008), entende a noção de gênero textual como forma de ação social e não como entidade linguística formalmente construída. Com base nessa definição, devemos considerar como gênero construções escritas, orais, verbais e não-verbais, pois, “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias” (MARCUSCHI, 2008, p.147).

Reconhecemos que os gêneros textuais são de suma importância para explorar a criatividade dos alunos, pois possibilitam uma viagem pela imaginação, a fim de criar histórias novas com estruturas diferentes e usando gêneros distintos. Ademais, o contato com textos de diferentes estruturas proporciona a ampliação das

fronteiras intelectuais dos leitores, estimulando, cada vez mais, o hábito da leitura e o conhecimento da língua materna.

O trabalho com gêneros textuais promove o contato dos alunos com os mais diversos tipos de textos e suas funções sociais, promovendo alfabetizar e letrar, que são processos indissociáveis e complementares. Para Soares, o letramento passa a ser caracterizado como:

O resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e de escrita. É o estado ou a condição que adquire um grupo social, ou um indivíduo, como consequência de ter se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. Apropriar-se da escrita é torna-la própria, ou seja, assumi-la como propriedade. Um indivíduo alfabetizado, não é necessariamente um indivíduo letrado, pois ser letrado implica em usar socialmente a leitura e a escrita e responder às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 2003, p. 16).

Nesse sentido, alfabetizar é muito mais que ministrar aulas e repassar conteúdos, é mais do que atender as exigências legais do mundo escolarizado, é atuar no espaço escolar de forma interativa: construindo uma escola mais inclusiva, humana e solidária.

Quadro 2: Desafio na prática alfabetizadora

<b>Q2 – Quais os desafios vivenciados em sua prática como professora alfabetizadora?</b>	
E1	Dificuldades de aprendizagem, indisciplina, falta de acompanhamento familiar nas atividades de casa, lidar com as especificidades das crianças atípicas.
E2	Conseguir realizar um trabalho que atenda diferentes níveis de aprendizagem das crianças e fazê-las avançar no processo de alfabetizar letrando; preparar as crianças para as avaliações externas.
F1	Como docente enfrento dificuldades em lidar com as dificuldades de aprendizagem de algumas crianças, principalmente alfabetizar e garantir a inclusão das crianças com necessidades especiais; falta aproximação entre escola e família.
F2	Alunos com dificuldades de aprendizagem; alfabetizar crianças com necessidades especiais; indisciplina, falta de acompanhamento dos pais.

**Fonte:** Arquivo da pesquisa (2023)

Sobre os desafios vivenciados na prática alfabetizadora, duas professoras apontaram a indisciplina e a falta de acompanhamento familiar como fatores determinantes para o insucesso da aprendizagem dos alunos, no entanto, todas destacaram como maiores dificuldades: alunos com dificuldades de aprendizagem,

com necessidades especiais e alfabetizar crianças com diferentes níveis de aprendizagem.

Isto quer dizer as alfabetizadoras entendem que é necessário que os alunos dominem o sistema alfabético e aprendam a ler e entender o que estão lendo, ou seja, não somente decodificar, e sim compreender o que estão lendo. Tal entendimento é endossado por Soares (2004) e Costa e Val (2006).

É oportuno sinalizarmos sobre a necessidade de se trabalhar a alfabetização e o letramento a partir de um contexto significativo para os alunos, de gêneros textuais que façam parte do cotidiano deles envolvendo diferentes situações da vida social, é uma importante estratégia para que as crianças de diferentes níveis de aprendizagem consigam consolidar o processo de alfabetizar letrando (KLEIMAN, 2007).

Em relação aos desafios supracitados pelas alfabetizadoras, é importante que elas investiguem sua própria prática pedagógica em sala de aula, bem como busquem ferramentas para aguçar o olhar e a sensibilidade para atender, identificar e atuar sobre os acontecimentos de seu contexto de trabalho (GARCIA, 2015).

Assim, é preciso pensar a práxis na formação de professores como atividade teórico-prática para superar os desafios enfrentados pelos professores (NÓVOA, 2011).

Quadro 3: Resultados como alfabetizadora ao término do ano letivo

<b>Q3 – Você consegue bons resultados como professora alfabetizadora ao término do ano letivo?</b>	
E1	Eu diria que não 100%, pois, têm aqueles alunos que prosseguem com muita dificuldade, apesar de todas as estratégias usadas, o aluno não consegue consolidar as habilidades esperadas para o ano.
E2	Todas as crianças passaram de ano, porém, nem todas conseguiram consolidar todas as habilidades necessárias e alguns não conseguiram atingir o letramento desejado.
F1	Sim, mesmo com todas as dificuldades e desafios em alfabetizar letrando faz parte do processo de aprendizagem é preciso ter êxito nesse processo. Um dos prazeres desse desafio é chegar no final do ano e ver o aluno que tinha dificuldade lendo e escrevendo.
F2	Apesar dos esforços, não se consegue o resultado desejado com todos, principalmente com aqueles que tem dificuldades de aprendizagem, assim, o resultado não é igual para todos.

**Fonte:** Arquivo da pesquisa (2023)

Analisando as respostas sobre os resultados como professoras alfabetizadoras, todas afirmam não conseguir em totalidade consolidar o processo de alfabetizar e letrar, destacando principalmente as dificuldades de aprendizagem e os alunos com deficiências que não conseguem as habilidades esperadas para o ciclo nem atingir o nível de letramento desejado.

Portanto, é necessária uma melhor preparação para enfrentar os desafios do processo de alfabetizar letrar todas as crianças e garantir essa aprendizagem as crianças com deficiência, demonstrando que precisam de formação específica para lidar com tais dificuldades. De acordo com Silva (2014, p. 20), “o desenvolvimento de uma cultura de formação continuada, seja na escola ou na rede, depende de diversos fatores, entre eles, do compromisso institucional e individual”.

Um dado importante que constatamos são as opiniões que divergem dos resultados, uma vez que, todas as crianças do 2º e 3º anos do ensino fundamental em 2022 desta escola, totalizando pouco mais de 100 crianças, conseguiram aprovação, e na pesquisa, elas apontam que não alfabetizaram na perspectiva do letramento todas as crianças, principalmente, as com dificuldades de aprendizagem e as com deficiência.

Tal fato precisa ser revisto, pois o processo de alfabetização e letramento não está sendo consolidado para todos, e mesmo assim, as crianças estão sendo aprovadas.

Quadro 4: Fatores que impedem/dificultam a alfabetização na perspectiva do letramento

<b>Q4 – Na sua opinião que fator ou fatores impedem e/ou dificultam a concretização da alfabetização na perspectiva do letramento em sala de aula?</b>	
E1	Existem diversos fatores que impedem que a alfabetização ocorra como deveria entre eles estão: os fatores sociais, fatores sociais, familiares, psicológicos, entre outros. A desestruturação familiar afeta muito as crianças nessa fase, crianças que passam por necessidade alimentar não conseguem se concentrar.
E2	Falta suporte para o professor, a escassez de recursos humanos, literários, didáticos, tecnológicos são alguns.
F1	Muitas crianças chegam na turma sem as habilidades e competências necessárias para aquele ano, o que dificulta a consolidação do processo de alfabetização. Além, da falta de acompanhamento dos pais na educação dos filhos.
F2	São vários os fatores que impedem a concretização da alfabetização, dentre eles: o social, o econômico, o emocional, o familiar, etc.

**Fonte:** Arquivo da pesquisa (2023)

Nos dados coletados sobre os impedimentos e dificuldades para concretizar a alfabetização na perspectiva do letramento em sala de aula, foi destacado como pontos principais: a falta de material didático, literários e tecnológicos; os fatores sociais, psicológico, econômico e familiares, sobressaindo-se a falta de apoio e acompanhamento dos pais no processo de alfabetização.

Pautando-se em Soares (2004), para alfabetizar letrando é preciso que a criança tenha acesso aos mais diversos tipos materiais literários e tecnológicos contendo uma diversidade de textos.

Baseado nesse pressuposto é fundamental que o alfabetizador faça uso da leitura e da escrita, utilizando diversos portadores de textos, que contenham diferentes gêneros textuais para que a criança possa interagir com o mundo letrado. Vale ressaltar que não é somente a escola que favorece a prática de leitura e escrita, o incentivo às crianças em casa através do treinamento com situações reais, que envolvam leitura e escrita, é o fio condutor para adentrar no mundo letrado com mais facilidade e rapidez.

De acordo com Ferreiro (2010, p. 39), a criança convive mais com práticas de leitura e escrita fora do que dentro da escola:

A criança vê mais letras fora do que dentro da escola: a criança pode produzir textos fora da escola enquanto na escola só é autorizada a copiar, mas nunca produzir de forma pessoal. A criança recebe informações dentro, mas também fora da escola, e essa informação extraescolar se parece a informação linguística geral que utilizou quando aprendeu a falar. É informação variada, aparentemente desordenada, às vezes contraditória, mas é informação sobre a língua escrita em contextos sociais de uso, enquanto que a informação escolar é frequentemente informação descontextualizada.

É importante destacar que na perspectiva do letramento, “o professor deve estar atuante e disponível para aguçar a sensibilidade e a atenção das crianças para o material de fato relevante e preparar situações em que elas possam participar ativamente desse trabalho de construção de hipóteses” (FRANCHI, 2012, p. 206).

O acompanhamento familiar é de suma importância para a criança conseguir ser alfabetizada e letrada, assim, é preciso entender que toda a comunidade escolar deve estar envolvida no processo, pois somente assim haverá uma ação coletiva e a

participação de todos os responsáveis pela formação integral do alunado, sem culpabilização de apenas um dos agentes envolvidos (KLEIMAN, 2006).

## **5 Considerações Finais**

Alfabetizar letrando no ciclo de alfabetização tem-se constituindo um desafio para formação de leitores e escritores competentes e não meros decodificadores de letras e copistas inconscientes com dificuldade de atuarem numa sociedade cujo as atividades letradas da cultura escrita predominam.

O presente trabalho permitiu visualizar nos relatos das quatro professoras participantes da pesquisa, que estas utilizam estratégias didático-pedagógicas para alfabetizar e letrar seus alunos a partir de um trabalho por meio de sequências didáticas e dos diferentes gêneros textuais, promovendo assim desde os anos iniciais do Ensino Fundamental a inserção dos educandos nas diversas situações práticas e funções sociais envolvendo a leitura e a escrita.

Embora saibamos quão desafiante é para professor alfabetizador desenvolver sua prática tendo a alfabetização e o letramento como eixos norteadores de seu trabalho, mas, conforme evidenciam em suas narrativas, as professoras participantes da pesquisa relatam alguns dos desafios vivenciados em sua prática cotidianamente para conseguir alfabetizar crianças com dificuldades de aprendizagem e com deficiência, e ainda, a falta de acompanhamento familiar como parceiros da instituição escolar e na garantia desse importante processo. Isso demonstra que os programas de formação continuada são necessários para que as docentes adotem uma postura reflexiva sobre a própria prática, e através do conhecimento e do aprendizado de novas teorias e métodos, como também troca de experiências entre pares, possam ampliar seus conhecimentos sobre a aquisição da língua escrita pela criança.

Em relação aos resultados evidenciados pelas participantes nessa pesquisa, ao término do ano letivo, foi visualizado a partir das respostas das professoras uma divergência de dados, pois, todos os alunos foram progredidos sem retenção, mas nem todos conseguiram consolidar as habilidades e competências para os anos estudados, bem como, não atingiram o nível de letramento desejado. Isso demonstra que os alunos passam de um nível para outro sem superar dificuldades

básicas voltadas ao processo de alfabetização e letramento, o que exige do professor e de toda escola em geral, um planejamento sistematizado e voltado a atender as especificidades desses educandos e, contribuindo assim, para a construção de uma educação pública de qualidade.

Os alunos passam a ser inseridos, de forma mais contundente, em eventos de letramento somente na escola, e isso acaba por delegar somente a essa instituição, e principalmente à figura do professor, toda a responsabilidade pelo sucesso ou não da escolarização dos alunos.

Com isso, os alfabetizadores precisam adotar várias estratégias e aprofundar seus estudos, bem como, participar de formações continuadas para enfrentar fatores que impedem/dificultam a alfabetização na perspectiva do letramento.

Por fim, espera-se que esse estudo possa servir de estímulo para que novas pesquisas sejam realizadas, abordando essa problemática e que venham a contribuir para o aprofundamento de estudos voltados a área da alfabetização na perspectiva do letramento em atividades efetivas para o ciclo da alfabetização e em toda a escolarização básica dos educandos.

## Referências

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia. Alfabetizar sem bá-bé-bi-bó-bu: uma prática possível? In: LEAL, Telma Ferraz e ALBUQUERQUE, Eliana (Orgs.). **Desafios da educação de jovens e adultos: construindo práticas de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 89-108.

COSTA VAL, M. G. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, M. A. F.; MENDONÇA, R> H. (Orgs.). **Práticas de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 18-23. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grandes/salto\\_ple.pdf](http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grandes/salto_ple.pdf). Acesso em: 13 fev. 2023.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 25ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do alfabetizador letrando: da oralidade à escrita**. 9ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GARCIA, Regina Leite (Org.). **A formação da professora alfabetizadora: reflexões sobre a prática**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2015.

GOODSON, Ivos F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores. In NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2000.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/download/242/196>. Acesso em: 17 fev. 2023.

KLEIMAN, A. B. **Professores e agentes de letramento: identidade e posicionamento pessoal**. Filologia e Linguística Portuguesa, n. 8, p. 409-424, 2 ago. 2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59763/62872>.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; MORAIS, Artur Gomes. Letramento e Alfabetização: pensando a prática pedagógica. In: BEAUCHAMP, Janete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro. **Ensino Fundamental de Nove Anos Orientações para a Inclusão da Criança de Seis Anos de Idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007. p. 97-108.

Lopes, D. M. de C. Considerações sobre a Política Nacional de Alfabetização. **Revista Brasileira De Alfabetização**, 1(10). (2020). <https://doi.org/10.47249/rba.2019.v1.359>

Maciel, F. I. P. (Onde estão as pesquisas sobre alfabetização no Brasil?. **Revista Brasileira De Alfabetização**, 1(10). (2020). <https://doi.org/10.47249/rba.2019.v1.376>

MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e Letramento**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

\_\_\_\_\_. **Métodos de alfabetização no Brasil: uma história concisa**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NÓVOA, António. Busca de dados na era digital. **Para uma formação de professores dentro da profissão**. 2011. Disponível em: [www.revistaeducation.es/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducation.es/re350_09por.pdf). Acesso em: 01 março 2023.



NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992

ROJO, Roxane H. R. **Letramento escolar: construção dos saberes ou de maneiras de impor o saber?** III Conferência de Pesquisa Sociocultural. São Paulo: Campinas. CD ROM, 2000.

\_\_\_\_\_. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. 5ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA, A. B. **Alfabetizar letrando [manuscrito]**: desafios e possibilidades na Escola Normal Monsenhor Senhor Sebastião Rabelo Manaíra-PB. 2014. (Monografia. Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Universidade Estadual da Paraíba). Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/6490/1/PDF%20-%20Alexandrina%20Bezerra%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2023.

SILVA, Eliane de Souza. Práticas Pedagógicas na Perspectiva da Alfabetização e Letramento. Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional, Curitiba, número Especial, p.329-356, 2016. Disponível em: [www.utp.br/cadernos\\_de\\_pesquisa](http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa).

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Revista Pátio – Revista Pedagógica. Artmed Editora. São Paulo: 2004.

STAKE, Robert. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.